

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional**  
**Curso de Psicologia**



**Trabalho de Conclusão de Curso**

**Maternidade e Trabalho:  
uma visita às fantasias da subjetividade**

**Carolina dos Santos Mattar**

**Pelotas, 2020**

CAROLINA DOS SANTOS MATTAR

**Maternidade e Trabalho:  
uma visita às fantasias da subjetividade**

Trabalho de Conclusão de Curso a ser apresentado à Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional, como requisito parcial à obtenção de título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof. Dra. Marta Solange Streicher Janelli da Silva

Pelotas, 2020

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação na Publicação

M435m Mattar, Carolina dos Santos

Maternidade e trabalho: uma visita às fantasias da subjetividade. / Carolina dos Santos Mattar ; Marta Solange Streicher Janelli da Silva, orientadora. — Pelotas, 2020.

35 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) — Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Pelotas, 2020.

1. Psicologia. 2. Maternidade. 3. Trabalho. 4. Carreira. 5. Rede de apoio. I. Silva, Marta Solange Streicher Janelli da, orient. II. Título.

CDD : 150

CAROLINA DOS SANTOS MATTAR

**Maternidade e Trabalho:  
uma visita às fantasias da subjetividade**

Trabalho de Conclusão de Curso a ser aprovado, como requisito parcial, para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia, pela Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional, da Universidade Federal de Pelotas.

Defesa: 14 de dezembro de 2020.

Banca examinadora:

---

Prof. Dr. Marta Solange Streicher Janelli da Silva (Orientador)  
Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas-RS.

---

Prof. Dr. Ana Laura Cruzeiro Szortyka (docente)  
Doutora em Saúde e Comportamento pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel), Pelotas-RS.

---

Prof. Dra. Maria Teresa Duarte Nogueira (docente)  
Doutora em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas-RS.

---

Letícia Schiavon da Costa  
Psicóloga pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas-RS.

## **Agradecimentos**

Agradeço a todos que acreditaram em mim e me apoiaram nessa jornada da graduação em Psicologia.

Primeiro eu quero agradecer a Deus que me guiou até aqui. Agradeço aos meus pais que sempre me incentivaram, acreditaram em mim e estiveram comigo. Agradeço ao meu marido por ser meu parceiro em tudo, inclusive em longas horas de estudo. Agradeço aos amigos que, de uma forma ou de outra, estiveram presentes neste momento. Agradeço à Alice, que sempre foi mais do que uma colega de faculdade. Agradeço, e muito, à professora Marta que foi luz nesse processo, incentivando em dias fluidos e acolhendo nas incertezas do trajeto. Agradeço às professoras Ana Laura e Maria Tereza e a Psicóloga Letícia, que aceitaram ser nossas parceiras nesses rituais de Conclusão de Curso.

Agradeço, de todo o meu coração.

*[...] Por ser mulher, negra,  
parece que a questão profissional e carreira,  
me dá uma carga a mais por eu ter uma filha,  
então no sentido de mostrar a ela,  
de dar o exemplo pra ela,  
que a mãe dela vai, faz,  
e que ela vai poder e vai fazer também.  
Estrela, 36 anos.*

## Resumo

MATTAR, Carolina dos Santos. **Maternidade e Trabalho: uma visita às fantasias da subjetividade**. 2020. 35f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Psicologia) – Faculdade de Medicina, Psicologia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

Maternidade e trabalho são fatores presentes na vida de muitas mulheres, que podem desencadear diversas fantasias com base nas experiências prévias, vivenciadas ou ouvidas por estas. Assim, o presente estudo teve como premissa uma visita às fantasias da subjetividade de mulheres mães trabalhadoras. A metodologia utilizada foi a abordagem qualitativa, realizando a análise de discurso com base na teoria psicanalítica de fantasia. As participantes deste estudo são mulheres entre 29 e 50 anos, mães e atuantes no mercado de trabalho através do regime CLT. A coleta de dados se deu através de entrevista semiestruturada e questionário sociodemográfico. Os resultados apontam que a constituição familiar é um fator impactante tanto na significação do papel do trabalho na vida dessas mulheres como na estruturação da rede de apoio. Ademais, foi possível observar o quanto a maternidade e o papel da mulher perante a sociedade ainda sofre reflexos do patriarcado, sacramentando a completude da mulher apenas com a presença da maternidade.

**Palavras-chave:** Maternidade, trabalho, carreira e rede de apoio.

## Abstract

MATTAR, Carolina dos Santos. **Maternity and Work: a visit to the fantasies of subjectivity**. 2020. 35s. Course Competition Assignment (Bachelor in Psychology) - Faculty of Medicine, Psychology and Occupational Therapy, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2020.

Maternity and work are factors present in the lives of many women, who can trigger several fantasies based on previous experiences, lived or heard by them. Thus, the present study was premised on a visit to the fantasies of the subjectivity of women

working mothers. The methodology used was the qualitative approach, performing discourse analysis based on psychoanalytic theory of fantasy. The participants in this study are women between 29 and 50 years old, mothers and working in the labor market through the CLT regime. Data collection took place through semi-structured interviews and a sociodemographic questionnaire. The results indicate that the family constitution is an impacting factor both in the meaning of the role of work in the lives of these women and in the constitution of the support network. Furthermore, it was possible to observe how much motherhood and the role of women in society still suffers from the effects of patriarchy, sacramenting the woman's completeness only with the presence of motherhood.

**Keywords:** Maternity, work, career e support network.



## Sumário

<b>1 Introdução.....</b>	<b>9</b>
<b>2 Método.....</b>	<b>12</b>
2.1 Sujeitos de estudo.....	12
2.2 Instrumento.....	13
2.3 Procedimento.....	13
<b>3 Resultados e discussões.....</b>	<b>15</b>
<b>4 Considerações finais.....</b>	<b>25</b>
<b>Referências.....</b>	<b>26</b>
<b>Apêndices.....</b>	<b>30</b>

## 1 Introdução

Tornar-se mãe parecia o destino inevitável de toda mulher, sendo essencial para sua identidade feminina (Bruzamarello, Patias e Cenci, 2019, p.3).

Seguindo a constituição do patriarcado, a divisão do trabalho foi vista por muitos anos como refém da biologia, onde haviam aquelas tarefas destinadas ao homem, e aquelas que competiam às mulheres (SILVA, 2019). Com o passar do tempo, ficou claro que esta construção social, em nada se relaciona com fatores biológicos, e sim, com questões de poder e dominação, advindos de uma construção histórico-social. Scott (1990) aponta que não é questão de negar diferenças sexuais e corporais, mas sim compreendê-las como relações sociais e de poder, que produziram hierarquias e dominação.

No início da década de 1980 a experiência de ser mulher foi trazida à tona pelas feministas, como cita Vasques (2017), mostrando que esta era única para cada uma que a vivenciava, sendo necessária a atenção a outras questões como raça e escolaridade. Neste mesmo artigo aborda-se a categoria “mulher”, mostrando que esta não conseguia abranger a multiplicidade de experiências e subjetividades. Ao passo que a mulher tornou-se protagonista de seu destino e passou a defender seus interesses, surgiram tensões com o modelo patriarcal, ainda presente na sociedade (GIORDANI ET AL, 2018).

Segundo Amazonas, Vieira e Pinto (2011) a expansão do acesso da mulher à escolaridade e ingresso nas universidades, possibilitou que estas alcançassem novas oportunidades de trabalho. Observa-se que a mulher possui autonomia para fazer suas escolhas, mas ainda assim assume o papel histórico de responsável pelo lar, mantendo a prevalência da mulher como cuidadora, incluindo em sua rotina o terceiro turno de trabalho. Apesar de haver a clareza no avanço das possibilidades femininas, ainda há a consequência histórica na constatação de que quem detém o conhecimento sobre o cuidar é apenas a mulher. Além do mais, ainda é presente no imaginário social o fato de que toda mulher deve tornar-se mãe (BRUZAMARELLO, PATIAS E CENCI, 2019).

Segundo dados do IBGE (2016), mesmo com a maior participação das mulheres no mercado de trabalho, aumento na escolarização e redução da

fecundidade, as mulheres ainda dedicam mais tempo do que os homens em tarefas domésticas e de cuidado. Assim, Araújo e Scalon (2006) pontuam que a entrada da mulher no mercado de trabalho a coloca num modelo dual, transitando entre o espaço doméstico e público.

Com a modernidade, a reorganização do núcleo familiar e os diferentes tipos de parentalidades, houve clara mudança no papel do homem e da mulher na família. Observa-se a ruptura do modelo de pai provedor e mãe dona de casa, onde a mulher era responsável pela educação dos filhos e o homem estava distante deste papel, havendo agora a divisão desta obrigação (SIMÕES E HASHIMOTO, 2012). Segundo Diniz (2004), o fato de a mulher adquirir este papel de trabalho fora do lar, pode contribuir positivamente em sua autoestima, reafirmando sua disponibilidade também nas tarefas domésticas.

A fim de obter o sucesso profissional e alcançar seus objetivos na carreira, assim como a qualificação necessária para galgar cargos de alta performance, a maternidade tardia tem se tornado uma opção, mesmo que dela possam surgir diversos atravessamentos, como a dificuldade em gestar. Ao passo que a mulher assume sua posição no mercado e posiciona-se de forma igualitária ao homem, as questões referentes a maternidade podem apontar enfraquecimento das ambições pessoais, pois planos mais ambiciosos, precisam ser adiados (BRUZAMARELLO, PATIAS E CENCI, 2019).

O trabalho, na atualidade, ocupa uma outra função para as mulheres, e sua importância está associada à satisfação pessoal que envolve status, crescimento individual e constituição da identidade (SANCHES, 2007). Segundo Bruzamarello, Patias e Cenci (2019), as mulheres estão fazendo suas escolhas, priorizando sua carreira profissional e seus estudos, em detrimento da identidade de mulher-mãe.

Segundo Aguiar et al. (2011), o fato de a mulher-mãe estar inserida no mercado, acarreta conseqüentes mudanças não só para ela, mas como para os que estão ao seu redor. Para dar suporte às necessidades que emergem, uma rede de apoio deve ser imediatamente criada. Segundo Carvalho Neto, Tanure e Andrade (2010), a economia brasileira, com abundância de mão de obra barata, favorece a contratação da rede de apoio, pois permite que as mulheres busquem apoio de terceiros para desempenhar as atividades da mãe nos cuidados dos filhos e do lar.

Os múltiplos papéis femininos merecem atenção e cuidado, principalmente no que diz respeito às fantasias produzidas por esta mulher, referentes a escolhas e

prioridades, terceirização do cuidado e sentimento de culpa gerado ao buscar sua realização profissional, em detrimento do tempo dedicado à família.

Para a psicanálise, a fantasia compreende a imaginação, seus conteúdos e a atividade criadora. Como afirma Schaffa (2017), a origem das fantasias está nas experiências precoces da sexualidade. As fantasias são vistas como ficções inconscientes e emergem de combinações de questões vivenciadas e ouvidas (ABEL, 2011). Câmara (2011) aponta a teoria Freudiana de que fantasiar é o princípio do prazer e de que não há temporalidade nesta questão, tendo em vista que a fantasia abarca passado, presente e futuro. Além disso, no artigo do mesmo autor ressalta-se o fato de haver grande quantidade de afeto investida nesta fantasia. Fantasiar, apresenta-se como um mecanismo psíquico a serviço do desejo, mostrando-se fundamental para as diferentes experiências do sujeito (Portillo, 2017).

Assim, este trabalho buscou trazer à tona e explorar um assunto pouco tratado na atualidade e dar foco a relevância do tema. Não há intenção em diferenciar fantasia de realidade e tampouco buscou-se a veracidade no exposto pelas participantes. Assim, o objetivo deste estudo foi investigar quais fantasias permeiam a subjetividade das mulheres frente ao trabalho e as relações familiares.

## 2 Método

O presente estudo teve como premissa a abordagem qualitativa que, segundo Minayo (2001), se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado e, assim, trabalha com os significados e crenças, buscando compreender a dinâmica das relações e vivências, tendo em vista que os fatos humanos têm sentido e identidade própria (MINAYO, 2013). A análise do conteúdo se deu pela perspectiva de Bardin, onde o pesquisador busca a compreensão das características que estão por trás das mensagens (GODOY, 1995).

Assim, este estudo se deu através de perguntas semi-estruturadas, permitindo que as entrevistadas falassem pela associação livre, método que consiste em exprimir indiscriminadamente todos os pensamentos que ocorrem, a partir de um elemento dado ou de forma espontânea (LAPLANCHE E PONTALIS, 1992).

### 2.1 Sujeitos de estudo

Participaram deste estudo seis mulheres que, no momento da entrevista, encontravam-se inseridas no mercado de trabalho. Os nomes das mesmas foram substituídos por elementos da biosfera, com objetivo de garantir o anonimato de suas informações. A escolha das participantes se deu por indicação ou por vínculos profissionais.

Os critérios de inclusão para participar da pesquisa foram: sexo feminino, idade entre 29 e 50 anos, Ensino Superior completo, posicionamento no mercado de trabalho pela regulamentação das Consolidações das Leis do Trabalho (CLT). Já os critérios de exclusão compreendem: sexo masculino, idade inferior a 29 ou superior a 50 anos, Ensino Superior Incompleto ou Ensino Fundamental e Médio, regime de trabalho autônomo, estar no período de férias ou não ter vínculo empregatício.

Abaixo, tabela com dados gerais das participantes:

Participantes	Flor	Céu	Sol	Terra	Estrela	Lua
Idade	43 anos	41 anos	42 anos	31 anos	36 anos	29 anos

<b>Estado Civil</b>	Solteira	Casada	Reside com companheiro	Casada	Casada	Casada
<b>Autodeclaração de cor</b>	Branca	Branca	Branca	Branca	Negra	Branca
<b>Composição Familiar</b>	Dois filhos	Marido, filho e está gestante	Marido e dois filhos	Marido, filho e seus pais	Marido e filho	Marido e filho
<b>Carga horária de trabalho/dia</b>	8h	8h	8h	8h	12h	8h
<b>Idade das gestações</b>	29 e 39 anos	29 e 41 anos	33 e 38 anos	29 anos	31 anos	28 anos

## 2.2 Instrumento

A coleta de informações se deu através de entrevistas individuais de forma online, conforme aprovação do Comitê de Ética, e foram gravadas e transcritas, com autorização das participantes. As perguntas base foram extraídas do livro Maternidade e Carreira, que é composto por 100 cartas para refletir sobre ser mãe e profissional (KORKES, 2018). As perguntas relevantes para o estudo encontram-se no Apêndice D.

Ademais, foi realizado um questionário sociodemográfico (APÊNDICE C) abordando questões como idade, autodeclaração de raça, estado civil, composição familiar, tempo de atuação no mercado de trabalho e idade da primeira gestação.

## 2.3 Procedimento

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas, sob o parecer de número 3.981.764, conforme norteia a resolução nº 446 de 12 de dezembro de 2012 do Ministério da Saúde, garantindo a preservação dos dados das participantes e os impactos da pesquisa para as mesmas. Além disso, devido ao cenário de pandemia que se instaurou, o projeto foi submetido novamente para aprovação do formato online das entrevistas.

O convite para participação se deu de forma individual, através de ligação telefônica ou e-mail, com breve explicação do objetivo da pesquisa (APÊNDICE A).

Os horários foram agendados conforme disponibilidade das participantes, que receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, onde expressaram sua vontade de participar deste estudo (APÊNDICE B).

### **3 Resultados e discussões**

Para realizar a análise dos dados foram transcritas as seis entrevistas e extraídas as falas de maior significado, onde a fantasia se mostrava presente. Foram utilizados códigos para garantir o sigilo das participantes, permitindo trazer à pesquisa alguns trechos com total fidedignidade com as informações obtidas durante a conversa.

Buscando cumprir com os objetivos propostos para este estudo, as temáticas foram divididas em quatro categorias:

- Significado do trabalho;
- Relação mulher, mãe e trabalhadora;
- A sociedade e a imposição do papel histórico de mãe;
- Rede de apoio e preocupações.

Na primeira categoria, buscou-se identificar os fatores individuais que impulsionam estas seis mulheres no mercado de trabalho, buscando sua motivação intrínseca. Na sequência, abordou-se as relações entre os múltiplos papéis e quais fantasias permeiam o desenvolvimento de cada um deles. Na terceira categoria, foi feita uma relação entre o papel histórico de mulher-mãe e as imposições da sociedade. Por fim, analisou-se qual a importância da rede de apoio para o desenvolvimento dos múltiplos papéis e quais preocupações assombram a relação de mãe e profissional.

#### **Significado do trabalho:**

Para iniciar as discussões e também como forma de abertura das entrevistas, a primeira questão abordada foi sobre o significado do trabalho para cada uma das participantes, afinal, as fantasias e os questionamentos sobre maternidade e carreira só acontecem, porque o trabalho ocupa parte do ser dessas mulheres, cada uma com suas vivências e contextos. Os atravessamentos desta temática são tantos que as respostas para esta pergunta não se repetiram.

O processo de significação sócio-históricos que a mulher coloca no trabalho e na maternidade, é mobilizado pelas situações que esta se depara em seu cotidiano, que abarcam a vida pessoal e profissional (ALMEIDA, 2007). Assim, é possível



observar os atravessamentos da composição familiar, idade e cultura organizacional, dialogando com as fantasias citadas pelas entrevistadas.

Segundo Fiorin, Oliveira e Dias (2014), as mulheres colocam no trabalho um significado emocional positivo, que contribui para que invistam seu tempo no trabalho fora dos limites domésticos. Há também a questão financeira, pois aquelas famílias que contam com mais de uma fonte de renda, experimentam uma menor cobrança na remuneração da mãe trabalhadora, em detrimento daquelas que são as únicas provedoras do lar. Para Flor, 43 anos, que cuida dos dois filhos sozinha, o trabalho traz um senso de utilidade, ao mesmo tempo que é sustento:

*É desesperador, então trabalho, hoje, é me sentir útil, porque eu gosto de me sentir útil, de produzir, de render, e é sobreviver, não sou muito consumista, mas é sobreviver. Não sou ambiciosa a ponto de responder que é para realizar meu sonhos, não é isso, já foi, mas perdi a chance. A principal preocupação é o dia que não tiver a carreira. A mais racional é essa, que uma coisa não rola sem a outra. E a outra é ver o tempo passar e tu não poder te dedicar para a carreira, a gente sempre acaba achando uma desculpa para não ler um livro, para não fazer um curso, às vezes até para não aceitar uma proposta, porque estás mais acomodado.*

Flor deixa claro em sua fala as frustrações trazidas pela responsabilidade do cuidado solo e as limitações que isto implica em sua carreira. A fantasia neste contexto vem com o fato de internalizar que por ter filhos pequenos e 43 anos, "perdeu sua chance". A idade, as fases da vida e a opção pela maternidade tardia, impactam Flor de forma completamente diferente de Terra, que reside com marido e seus pais, e teve sua filha aos 29 anos. Para Terra, o trabalho significa reconhecimento e individualidade:

*Uma colega comentou comigo que na maternidade, o nosso filho vai crescer e não vai mais precisar de nós o tempo todo e nós, por outro lado, não podemos perder o tempo no mercado de trabalho, precisamos acompanhar.*

Tempos e movimentos, respeito e compreensão. O tempo destinado ao trabalho e ao aperfeiçoamento profissional está proporcionalmente relacionado à composição familiar. O trabalho remunerado fora do lar é visto como algo que

valoriza a mulher, que amplia seu conhecimento e melhora seu estado emocional (FIORIN, OLIVEIRA E DIAS, 2014). Assim, o tempo investido em desenvolvimento de carreira muda ao passo que a responsabilidade financeira e de cuidado sobre a família é dividido entre mais pessoas.

A participante Céu, afirma durante a entrevista que seu marido a incentiva muito a trabalhar fora, que gosta que ela tenha esta ocupação, o que vai ao encontro do que citam Teykal e Rocha-Coutinho (2007) em seu estudo com homens, que apontam a valorização destes para a mulher que realiza trabalho remunerado, pois pontuam que hoje as mulheres buscam a conquista do seu próprio espaço, independência, valorização e reconhecimento.

### **Relação mulher, mãe e trabalhadora:**

Desde o princípio do Brasil, o cuidado e a educação dos filhos foi designado à mulher. Em contrapartida, o trabalho externo afasta esta mulher de sua função central, pois maternar e atuar no mercado de trabalho consiste em assumir identidades múltiplas e contraditórias, construídas socialmente e em permanente processo de mudança (ALMEIDA, 2007, *apud* HALL, 2001; LOURO, 1997).

Outro ponto relevante para análise desta relação é a cultura da organização onde a mulher está alocada, pois empresas com maior flexibilidade, permitem uma rotina mais leve e fluida. A entrevistada Sol demonstra em sua fala a clareza sobre os limites impostos pela organização, referente a maternidade:

*Quando eu comecei a viajar e entender o universo das empresas, eu entendi que eu, como mulher, teria um prazo.*

O impacto da estrutura organizacional nas fantasias sobre gestar e maternar é muito grande. Empresas que propiciam segurança psicológica para gestantes e mães, se deparam com profissionais menos tensas e preocupadas com seu futuro. Em contrapartida, existem aquelas empresas que colocam o maternar como limitador na progressão de carreira, conforme citou Sol. Na companhia onde Estrela atua, a maternidade é vista como algo natural. Ademais, esta possui flexibilidade no trabalho, o que resulta na participante não encontrar muitas dificuldades no dia a dia

de mãe e trabalhadora, pois é permitido, inclusive, que leve a filha para o seu trabalho e colha frutos positivos desta questão:

*Na minha área eu não vejo tão complexa esta questão da maternidade no mercado de trabalho, porque eu tenho flexibilidade de às vezes levar ela ou, quando eu fazia atendimento domiciliar, tinha crianças que eu precisava trabalhar a questão da socialização, eu sou a terapeuta, a criança não vai socializar comigo, então eu levava ela para fazer este movimento para me auxiliar no trabalho, então na minha área até me ajuda. Eu brinco que ela é um recurso terapêutico.*

Para Flor, a dualidade maternidade e trabalho pode ser resumida na seguinte frase: "O mercado de trabalho exige que a gente trabalhe como se não fosse mãe e a sociedade exige que a gente seja mãe como se não trabalhasse". A isto, a mesma acrescenta que na sua experiência profissional sente-se muito pressionada, pois quando precisa negar algo na organização para atender alguma demanda da maternidade, sente-se julgada:

*Eu me sinto limitada na carreira, no tempo, no dinheiro. "Vamos lá, tens que viajar, fazer um curso, ficar até mais tarde, não ter hora para sair...". Ter essa imagem ou o que se espera de uma executiva, que tu esteja disponível, que não tenha hora pra ir buscar no colégio, que tu possa viajar, que não tenha que dizer "vou ver". É muito bem visto quem consegue isso, que não tem nada.*

O mundo corporativo alimenta o estigma de que a mulher, ao engravidar, diminui drasticamente sua produtividade, além de iniciar um processo de desligar-se da empresa, que tem seu ápice na licença maternidade, quando fisicamente já não se está presente. Aquela que é mãe, precisa estar constantemente provando o seu valor no mundo corporativo. A isso, Terra coloca:

*Desde a gestação eu tive que fazer diferente, pra mostrar que mesmo grávida e depois mesmo com bebe pequeno e mesmo sem viajar, consigo fazer entregas com qualidade, então me exigiu bastante isso, pra mostrar que mesmo sem viajar, eu consigo atender o cliente online, que não estou indo lá, mas consigo planejar e que não era um erro eu ter um filho. Num primeiro momento não foi fácil quando eu falei que estava grávida, foi minha primeira discussão com meu gestor, porque pegou ele desprevenido*

*e eu não tinha muito tempo na empresa, mas ao longo do tempo a gente foi elaborando.*

As experiências, realidades e estruturas individuais também exercem papel importante na forma como cada mulher produz e experimenta suas fantasias. A relação da maternidade com o mundo corporativo é muito influenciada pela rede de apoio, pois ao passo que a estrutura fora da organização é consolidada, a visão perante o trabalho é mais leve e otimista. A entrevistada Terra sinaliza que na sua percepção, ser mãe no mercado de trabalho é natural e pode interferir positivamente na sua carreira:

*Voltei diferente porque não era só eu comigo e os meus planos, não, eu tinha um bebê em casa, para quem eu quero proporcionar tudo que estiver ao meu alcance [...] no desenvolvimento [...] alguém para cuidar ela, na educação dela, no colégio dela, no médico, e eu preciso batalhar por isso, não sou só eu mais.*

Ao passo que a mulher cria suas expectativas com a carreira, o desejo pela maternidade aflora, ambos em tempos muito semelhantes. Conforme Barbosa e Rocha-Coutinho (2007), os anos de consolidação de carreira se dão concomitantemente aos anos biologicamente apropriados para gestação, o que corrobora com a pressão sofrida pela mulher em desenvolvimento profissional, que ainda não teve filhos. Quando questionada sobre seus sonhos referentes a carreira e maternidade, Terra afirmou que um sonho cresceu apoiado no outro:

*Nós queríamos muito ter um bebe, e em paralelo a isso eu venho crescendo e me desenvolvendo na carreira também, então eles vem crescendo juntos, tanto ela quanto a carreira, eu percebo isso.*

A idealização sobre a maternidade também sofre os atravessamentos das demandas profissionais, o que também implica em fantasias referentes a expectativas não atingidas sobre seus filhos. Sobre sua primeira gestação, Sol pontua:

*Foi pra mim um mini projeto de vida, engravidei, era menina, aos 33 anos. Quando eu voltei a trabalhar fora eu comecei a perder o controle das coisas de casa, e eu tenho mania, eu sou controladora, as coisas tem que ser de*

*tal jeito. E pra mim, perder o controle me tira o chão, ai meu cérebro "reseta", ai eu não consigo ter o mínimo de controle, me perco por completo. Então a maternidade não afeta meu trabalho, mas o trabalho afeta a maternidade.*

Quando acrescentamos o fator mulher à dualidade mãe e profissional, algumas participantes revelaram abrir mão de muita coisa para manter de pé a maternidade e a carreira. Colocar-se em primeiro plano e administrar o tempo dedicado a si, à família e ao trabalho apresenta-se como um grande desafio. A entrevistada Flor explana sobre:

*Hoje eu digo não para relacionamento. É o viés da mãe solo, acho que isso muda muito. Talvez os sentimentos e preocupações não mudem muito, sejam parecidos, mas eu acho que muda muito no dia a dia.*

Segundo Martinez e Barbieri (2011), a vivência da maternidade trás as mulheres algumas implicações e conflitos, tais como o que está enfrentando a participante Lua, que está em processo de desligamento na empresa onde atua, pois devido à pandemia de COVID-19 e o fechamento de escolas em sua cidade, não pode contar com suporte no cuidado de sua filha de 4 meses, precisando abrir mão do emprego atual:

*Sair do trabalho devido a maternidade e pandemia não foi bom, eu não gostaria mesmo de sair, eu acho que pelo tanto que eu gosto do que eu fazia e pelo tanto que eu gosto do ambiente em que eu estava.*

A isso, Lua acrescentou que percebe que o mercado de trabalho não está pronto para acolher uma grávida ou uma mãe, pois diz sentir diariamente o forte julgamento das pessoas ao desligar-se do seu trabalho, como se estivesse abandonando sua carreira. Beltrame e Donelli (2012 apud Heilman e Okimoto, 2008), citam estudo onde foi encontrado que o status materno tem cunho negativo, podendo impedir o progresso na carreira.

## **A sociedade e a imposição do papel histórico de mãe:**

Apesar dos inegáveis avanços da mulher no mercado de trabalho, a posição masculina ainda é a mais valorizada quando comparada à feminina. Historicamente vimos mulheres assumindo profissões ditas "de homem" e lidando com a contradição de, para ter respeito no ambiente corporativo, ter que trabalhar "como um homem", mas para constituir sua família, ter que ser feminina e delicada (CARVALHO NETO, TANURE E ANDRADE, 2010). Dentre as entrevistadas, Céu reforça:

*Eu enxergo que tem muito discurso de que não tem problema, no geral, embora tenha esse discurso cada vez mais da inserção da mulher no mercado de trabalho e vamos tratar com igualdade, ainda tem muitas portas fechadas, não sei se a palavra é preconceito, mas eu acho muito forte isso. A empresa tem que enxergar que uma profissional tem uma vida paralela, de mãe, de casa e de tudo mais. Mesmo sem querer há uma pressão em cima da mulher mãe.*

O estigma carregado pela mulher, de ser a cuidadora e responsável pelo lar e pelos filhos repercute muito sobre aquelas que se deparam com forte demanda fora do lar, conforme trouxe Sol:

*Homens, o marido sair de casa na segunda e voltar na sexta, ele vai ter uma esposa em casa, uma empregada, uma mãe, uma sogra, que ajude na criação dos filhos. Ele sai e volta e ta tudo funcionando do mesmo jeito, ta todo mundo vivo e as roupas estão limpas. A mulher é completamente diferente.*

Ao passo que assume este papel histórico, a mulher abre espaço para que o homem esteja por mais tempo fora do lar e se qualifique ainda mais, o que reforça o destaque do homem nas organizações. As mulheres tendem a investir mais nos filhos do que na carreira (CARVALHO NETO, TANURE E ANDRADE, 2010, *apud* NEUMARK;MCLENNAN, 1994; KIRCHMEYER, 1998; REINHOLD, 2005). Durante a entrevista, Flor citou que diz "não" economicamente para investir na sua carreira, porque diz "sim" para seus filhos. A culpa por investir mais em si, mesmo que por um momento, faz com que as decisões tomadas deixem-a em detrimento,

mostrando a atenção que devemos tomar sobre as fantasias que as mulheres produzem sobre as prioridades que devem escolher após a maternidade.

A capacidade de gestar, exclusiva da mulher, trouxe a associação de que toda mulher deveria obrigatoriamente ser mãe e, aquelas que não ocuparam este papel ou eram vistas como pouco femininas ou incompletas. Com o passar do tempo e o surgimento de métodos contraceptivos, a mulher ganhou protagonismo na escolha da maternidade, ao passo que o papel de mãe pode não representar algo relevante para muitas mulheres. Barbosa e Rocha-Coutinho (2007) citam o estigma de a mulher nascer pronta para maternar, enquanto o homem demanda um processo de amadurecimento para preparar-se para a paternidade. Sol acrescenta que:

*Eu nunca fui aquela mulher/menina, que falava que ser mãe era o seu sonho, mas eu sabia que eu seria mãe e eu sabia que eu seria uma boa mãe. Só não sabia como, se ia ter pai, eu só sabia que eu iria ser mãe de 3 gurias, e já tinha até os nomes. Eu sabia que para acontecer isso, uma hora eu teria que parar.*

É possível identificar na fala acima que a entrevistada vislumbrava o seu papel de mãe, sem abarcar a figura paterna, que é muito forte na composição familiar imposta socialmente. Assim, podemos afirmar que na atualidade as múltiplas formas de gestar e ter filhos, ganharam visibilidade. Seja pela questão do maternar e paternar individual ou pelos atravessamentos da gestação tardia, é possível observar o aumento no acesso à informações sobre adoção e reprodução assistida.

Inicialmente falou-se que ser mulher era algo tão particular, que era necessário observar outros fatores, como a questão da raça. É fato que ainda vivemos em mundo racista, que demanda que os negros estejam constantemente lutando pelo seu espaço e buscando deixar um cenário com oportunidades menos discrepantes para as próximas gerações. Isto ficou muito claro quando a participante Estrela, negra, foi questionada sobre seus sonhos de carreira e maternidade, pois a mesma afirmou que sua cor e a história de sua família foram fundamentais para suas decisões:

*Eu acho que por ser mulher, negra, parece que a questão profissional e carreira, me dá uma carga a mais por eu ter uma filha, então no sentido de mostrar a ela, de dar o exemplo pra ela, que a mãe dela vai, faz, e que ela vai poder e vai fazer também. Então meio que dá uma injeção de empoderamento. Ser forte pra ela e mostrar pra ela que sim, que a gente pode fazer, que a gente tem capacidade e qualificação pra fazer, mostrar que não tem limite.*

Os preconceitos, limitações e subordinação racial impostos aos negros geralmente são praticados pela sociedade, como forma de diminuir suas oportunidades de crescimento e desenvolvimento. No caso de Estrela, as indagações sobre sua graduação e sobre suas escolhas profissionais se deram dentro de sua família, tendo em vista o histórico de domésticas dentre as mulheres das gerações anteriores. Seus familiares não entenderam de pronto sua forma disruptiva de buscar seu futuro e suas realizações, mas isto não a impediu de seguir.

#### **Rede de apoio e preocupações:**

A rede de apoio constitui uma forte aliada das mulheres na conciliação da carreira e da maternidade e esta pode ser constituída por familiares, babás ou escolas. Foi possível observar que, aquelas entrevistadas que residem próximas de suas famílias, encontram maior facilidade para dedicar-se ao trabalho. Flor cita que contar com o apoio de seus pais para o cuidado dos filhos é muito importante, mas traz algumas consequências:

*É a melhor coisa do mundo, mas tem um preço. Não poderia ser melhor, mas eles se metem e tu tens que relevar, não pode se impor muito, tem que ter jogo de cintura. Mas é a melhor coisa do mundo, tanto na tranquilidade para poder trabalhar, quanto pra eles. Tem uma diferença de quando eles estão com os avós e eu trabalhando, na minha concentração, eu esqueço que tenho filho se estão com eles, eu concentro, eu rendo muito mais, é como se fosse uma extensão de mim, e quando não estão, tu trabalha muito diferente, da uma preocupação.*



A tranquilidade em saber que os filhos estão com pessoas de sua confiança traz leveza para o dia a dia de trabalho. Ter alguém próximo suprindo as demandas de cuidado, ameniza a fantasia negativa referente a terceirização. Segundo Simões e Hashimoto (2012), uma preocupação constante para as mulheres trabalhadoras é a falta de tempo para dedicar-se à família e o sentimento de perda referente às fases de crescimento dos filhos. Terra traz esta questão em sua fala:

*Todos sabem que minha prioridade é ela e vai ser sempre ela, então eu não vou deixar, e até hoje não deixei, o trabalho para trás e as minhas entregas, mas a prioridade é ela, porque eu não quero depois pensar que eu não dei valor a ela e não priorizei ela. Então a prioridade é ela e o trabalho vem vindo junto, porque eu dou um jeito de fazer boas entregas também.*

Ademais, na rotina de trabalho de Terra, há uma exigência quanto a viagens de atendimento aos clientes. Durante sua licença maternidade e nos primeiros meses do retorno, pensar na rede de apoio para a viagem foi constante para ela, gerando fantasias sobre o tempo em que estará fora e o momento de vida de sua filha:

*Eu tenho uma rede boa de apoio, importantíssima, tenho a mãe e tenho o meu pai, e eles ficam com ela, tenho uma senhora que cuida dela durante o dia também, que mora perto daqui. Uma preocupação que eu estava, mas ficou mais apagadinha agora, é a questão das viagens, como vai ser quando este dia chegar, agora com a pandemia eu percebo um pouco mais distante, mas é uma preocupação de fato, porque a cada dia que ela vai crescendo, eu vou percebendo que, cada dia que se aproxima de uma possível viagem, é um dia a mais dela, então ela vai ficando maiorzinha e vai ficando mais fácil. A pandemia deu um tempo para eu dar uma respirada.*

As demandas do mundo corporativo, tais como as viagens enfrentadas por Terra, geram ansiedade e produzem diversas fantasias para estas mães trabalhadoras, o que pode fomentar a ideia de que a maternidade inferioriza esta profissional. Conforme apontam Carvalho Neto, Tanure e Andrade (2010), os homens tendem a ter maior flexibilidade quanto à mobilidade, o que não acontece com as mulheres, pela associação aos cuidados com o lar e os filhos.

#### **4 Considerações finais**

A escolha do tema deste estudo se deu através de uma inquietação pessoal devido às questões vivenciadas no ambiente laboral e à escuta de diversas angústias envolvendo os fatores abordados aqui. Por atuar na área organizacional e lidar com as incertezas das colaboradoras gestantes e no retorno da licença maternidade, vi a necessidade de investigar quais são os aspectos mobilizadores destas mulheres.

Com o objetivo de visitar as fantasias da subjetividade, este trabalho buscou ouvir mulheres, mães, trabalhadoras sobre os enfrentamentos referentes à ocupação de múltiplos papéis. Saliento que para o estudo foi importante que todas as mulheres estivessem no regime CLT, pois profissionais autônomos possuem uma flexibilidade de trabalho que independe de regras organizacionais.

Quando buscamos acessar as fantasias, permeamos pela importância e significado do trabalho, observando que as particularidades e a composição familiar são fatores decisivos na construção de uma imagem positiva sobre sua atividade laboral. A estrutura da rede de apoio é capaz de fomentar ou aliviar algumas fantasias despertadas, como o sentimento de culpa em colocar no outro a responsabilidade de cuidar dos seus. Ademais, a maternidade tardia mostra-se cada vez mais consolidada, assim como o acesso a meios de reprodução assistida.

Cabe ressaltar novamente o quanto as questões impostas historicamente ainda estão presentes de forma clara na atualidade e como são fontes de fantasias, seja na imposição da maternidade ou da responsabilidade pelo lar e pela família. O sentimento de culpa e a inferiorização ou limitação da profissional-mãe são fatores importantes para atentarmos, pois mobilizam fortemente estas mulheres.

Ser mulher, ser mãe, ser profissional. Há muita particularidade nos fatores, há muita história e idealização, mas é necessário que estejamos atentos aos sujeitos, respeitando suas escolhas. Assim, fica claro o quanto precisamos falar sobre esta temática, para que possamos minimizar as fantasias produzidas de cunho negativo.

## Referências

ABEL, Marcos Chedid. Verdade e fantasia em Freud. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 47-60, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-14982011000100004&lng=en&nrm](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982011000100004&lng=en&nrm)>. Acesso em: 20 out. 2019.

AGUIAR, Cristina Castro; ESTEVES, Cristiane Silva; MELLO, Magda Medianeira; ITAQUY, Gabriela Weber; IATCHAC, Felipe Oliveira; LOPES, Regina Maria Fernandes. Mulher, mercado de trabalho e construção do núcleo familiar. **Revista de Psicologia**, v. 1, n. 15, p. 05-11. Disponível em: <<https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/15>>. Acesso em: 21 set. 2019.

ALMEIDA, Leila Sanches de. Mãe, cuidadora e trabalhadora: as múltiplas identidades de mães que trabalham. *Rev. Dep. Psicol.,UFF, Niterói*, v. 19, n. 2, p. 411-422, Dec. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-80232007000200011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-80232007000200011&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 11 out. 2020.

AMAZONAS, Maria Cristina Lopes de Almeida; VIEIRA, Luciana Leila Fontes; PINTO, Virgínia Cavalcanti. Modos de subjetivação femininos, família e trabalho. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 31, n. 2, p. 314-327, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932011000200009&lng=en&nrm](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932011000200009&lng=en&nrm)>. Acesso em: 21 ago. 2019.

ARAUJO, Clara; SCALON, Celi. Gênero e a distância entre a intenção e o gesto. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 21, n. 62, p. 45-68, 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092006000300003&lng=en&nrm](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092006000300003&lng=en&nrm)>. Acesso em: 21 set. 2019.

BARBOSA, Patrícia Zulato; ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. Maternidade: novas possibilidades, antigas visões. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 163-185, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652007000100012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652007000100012&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 15 nov. 2020.

BELTRAME, Greyce Rocha; DONELLI, Tagma Marina Schneider. Maternidade e carreira: desafios frente à conciliação de papéis. *Aletheia, Canoas*, n. 38-39, p. 206-217, dez. 2012. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-03942012000200017&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942012000200017&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 21 nov. 2020.

BRUZAMARELLO, Diogo; PATIAS, Naiana Dapieve; CENCI, Cláudia Mara Bosetto. ASCENSÃO PROFISSIONAL FEMININA, GESTAÇÃO TARDIA E CONJUGALIDADE. **Psicol. Estud.**, Maringá, v. 24, e41860, 2019. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722019000100204&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722019000100204&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10 out. 2020

CAMARA, Gabriel. O trauma, a fantasia e o Édipo. **Cógito**, Salvador, v. 12, p. 57-61, 2011. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-94792011000100011&lng=pt&nrm](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792011000100011&lng=pt&nrm)>. Acesso em: 20 out. 2019.

CARVALHO NETO, Antônio Moreira de; TANURE, Betânia; ANDRADE, Juliana. Executivas: carreira, maternidade, amores e preconceitos. **RAE eletrônica**. São Paulo, v. 9, n. 1, 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1676-56482010000100004&lng=en&nrm](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-56482010000100004&lng=en&nrm)>. Acesso em: 01 out. 2019.

DINIZ, Gláucia. Mulher, Trabalho e saúde mental. In: CODO, Wanderley (Org.). **O trabalho enlouquece**: um encontro entre a clínica e o trabalho. Petrópolis, RJ. Vozes, 2004. p. 105-134.

FIORIN, Pascale Chechi; OLIVEIRA, Clarissa Tochetto de; DIAS, Ana Cristina Garcia. Percepções de mulheres sobre a relação entre trabalho e maternidade. **Rev. bras. orientac. prof**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 25-35, jun. 2014. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-33902014000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902014000100005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 29 nov. 2020.

GIORDANI, Rubia Carla Formighieri et al. Maternidade e amamentação: identidade, corpo e gênero. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 8, p. 2731-2739, ago. 2018. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232018000802731&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232018000802731&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 11 out. 2020

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Rev. Administração de empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-75901995000300004&lng=en&nrm](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901995000300004&lng=en&nrm)>. Acesso em: 20 nov. 2019.

IBGE, 2016. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/multidominio/genero/20163>>. Acesso em 20 out. 2019.

KORKES, Lúcia e Cintra, Renata. **Maternidade e Carreira**. – 1.ed. – São Paulo: Editora Matrix, 2018. 100p.

LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J. (1992) **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. **Didática**, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MARTINEZ, Ana Laura Moraes; BARBIERI, Valéria. A experiência da maternidade em uma família homoafetiva feminina. **Estud. psicol.**, Campinas , v. 28, n. 2, p. 175-185, jun. 2011 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2011000200005&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2011000200005&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em: 21 nov. 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. Disponível em: <[http://www.faed.udesc.br/arquivos/id\\_submenu/1428/minayo\\_\\_2001.pdf](http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1428/minayo__2001.pdf)>. Acesso em: 12 nov. 2019.

MINAYO, M. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 13. ed., São Paulo: Hucitec, 2013.

PORTILHO, Juliana Labatut. A REALIDADE E A FANTASIA: UM EXAME PSICANALÍTICO SOBRE A RELAÇÃO DO SUJEITO COM O OBJETO. **Psicologia Argumento**, [S.l.], v. 32, nov. 2017. ISSN 1980-5942. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20639>>. Acesso em: 29 nov. 2020.

SCHAFFA, Sandra Lorenzon. Alguns vocabulários mais usados em psicanálise. **Esboços Psicanalíticos**. São Paulo, 2017. Disponível em: <<https://www.febrapsi.org/wp-content/uploads/2017/02/fantasia--sandra-lorenzon-schaffa.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2019.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**. v. 15, n.2, 1990. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>>. Acesso em: 24 set. 2019.

SILVA, Gabriela Rangel. Feminismo e Trabalho: porque as mulheres continuam ganhando menos que os homens? **Revista Húmus**, v. 9, n. 26, 2019. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/11549>>. Acesso em: 21 set. 2019.

SIMÕES, Fátima Itsue Watanabe; HASHIMOTO, Francisco. Mulher, mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX. *Revista Vozes dos Vales: publicações acadêmicas*, v. 1, n. 2, p. 1-25, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/126924>>. Acesso em: 21 set. 2019.

TEYKAL, C. M.; ROCHA-COUTINHO, M. L. O homem atual e a inserção da mulher no mercado de trabalho. *Psico*, v. 38, n. 3, 3 abr. 2008. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/2888>>. Acesso em: 15 mai. 2020.

VÁZQUEZ, Georgiane Garabely Heil. Gênero não é ideologia: explicando os Estudos de Gênero. **Café História – história feita com cliques**. 2017. Disponível em: <<https://www.cafehistoria.com.br/explicando-estudos-de-genero/>>. Acesso em: 24 set. 2019.

## Apêndices

### APÊNDICE A

#### CONVITE PARA AS SUJEITAS DE PESQUISA:

Venho por meio deste convidá-la a participar da pesquisa intitulada **Maternidade e Trabalho: uma visita às fantasias da subjetividade**, realizada pela acadêmica Carolina dos Santos Mattar, na Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Os critérios para participação da pesquisa são: sexo feminino, idade entre 30 e 50 anos, Ensino Superior completo, posicionamento no mercado de trabalho pela regulamentação das Consolidações das Leis do Trabalho (CLT). Interessadas, favor entrar em contato pelo e-mail: [carolinasmattar@gmail.com](mailto:carolinasmattar@gmail.com) ou pelo número: (53)991394455.

## APÊNDICE B

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistada e participar na pesquisa intitulada **Maternidade e Trabalho: uma visita às fantasias da subjetividade**, desenvolvida por Carolina dos Santos Mattar, como requisito parcial para a conclusão do curso de Psicologia, na Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

O objetivo da pesquisa, estritamente acadêmica, é de forma geral, investigar quais fantasias permeiam a subjetividade das mulheres frente ao trabalho e as relações familiares. A importância do estudo se dá na pequena quantidade de pesquisas envolvendo a escuta ativa da subjetividade das mulheres neste contexto. Sabe-se que houveram avanços para a mulher dentro do contexto do trabalho, mas é preciso elucidar alguns desafios enfrentados pelas mulheres-mães no seu desenvolvimento no quesito carreira.

A participação nesta pesquisa envolve uma entrevista individual online, com duração de cerca de 40 minutos, onde serão coletados dados pessoais, através de um questionário sociodemográfico, seguido de dez perguntas abertas sobre maternidade e carreira.

Estou ciente que existe o risco potencial de mobilização psicológica, porém, a pesquisa oferece possibilidade de gerar reflexão, autoconhecimento e compartilhamento de experiências.

Afirmo que aceitei participar de forma voluntária, por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa.

Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista, a ser gravada a partir da assinatura desta autorização. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pela pesquisadora e pela orientadora.

Fui informada, de que a pesquisa é orientada por Marta Janelli, a quem poderei contatar a qualquer momento que julgar necessário por meio do e-mail [martajanelli@hotmail.com](mailto:martajanelli@hotmail.com) ou contato com o colegiado do curso de Psicologia, pelo telefone (53) 3310-1805, assim como posso me retirar desta pesquisa, sem sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos e que o uso das informações por mim



oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos.

Atesto que recebi claras explicações sobre o estudo, todas registradas neste formulário de consentimento. O entrevistador do estudo respondeu e responderá, em qualquer etapa do estudo, a todas as minhas perguntas, até a minha completa satisfação. Portanto, afirmo que li este termo e estou de acordo em participar da pesquisa de forma voluntária. Atesto também o recebimento de uma cópia assinada deste termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Uma via deste termo será de porte do entrevistado e a outra ficará arquivada na instituição de ensino responsável pela pesquisa.

Pelotas, abril de 2020.

Ass. Participante

Ass. Pesquisadora

Ass. Entrevistador

**APÊNDICE C**  
**QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO**

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ Código da participante: \_\_\_\_\_

Local: \_\_\_\_\_

Dados de identificação da participante

Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ anos

Data de nascimento: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ Local de nascimento: \_\_\_\_\_

Estado civil:

- Casada                       Solteira  
 União Estável       Viúva  
 Reside com o companheiro/a \_\_\_\_\_

Autodeclaração de cor/raça:

- Negra                       Parda  
 Branca                       Indígena                       Outros

Endereço: \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_

Telefone: \_\_\_\_\_

Tipo de moradia:  Própria                       Alugada                       Cedida

Quantas pessoas moram na sua casa? \_\_\_\_\_

Composição familiar: \_\_\_\_\_

Qual o valor do seu salário: R\$ \_\_\_\_\_

Carga horária de trabalho: \_\_\_\_\_

Nível de escolaridade:

- Ensino superior                       Pós-graduação (Especialização)  
 Pós-graduação (Mestrado)       Pós-graduação (Doutorado)  
 Pós-graduação                       Pós-doutorado

Informações sobre o seu companheiro:

Nome Completo: \_\_\_\_\_

Data de nascimento: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ anos

Telefones: \_\_\_\_\_

Trabalha: ( ) Sim ( ) Não

Se sim, carga horária: \_\_\_\_\_

Renda mensal da família: R\$ \_\_\_\_\_

Dados da gestação da participante:

( ) Filho biológico ( ) Filho adotivo

A sua primeira gestação foi planejada: ( ) Sim ( ) Não

Quantos anos você tinha quando engravidou ou acolheu seu filho: \_\_\_\_\_

Sobre a profissão atual:

Há quanto tempo exerce a atividade: \_\_\_\_\_

Em que ano foi sua primeira experiência profissional? \_\_\_\_\_

## **APÊNDICE D**

### **QUESTIONÁRIO BASE:**

1. Qual a importância do trabalho para você?
2. Como é ser mãe no mercado de trabalho na atualidade?
3. A maternidade interfere de alguma forma na sua relação com o trabalho ou na sua atuação profissional? Em quais aspectos?
4. Quando você diz “sim” para a maternidade, você diz “não” para alguma outra coisa? Para o quê?
5. Sua atividade profissional interfere de alguma forma no seu papel de mãe? Em que aspectos?
6. De que maneira seu sonho de carreira e maternidade se apoiam?
7. Que critérios você usou ou está usando para fazer suas escolhas sobre maternidade e carreira? Estes critérios são seus (internos) ou dos outros (sociedade/externos)?
8. Você sente algum julgamento externo pela sua escolha profissional versus a maternidade? Qual?
9. Você precisa de ajuda com os filhos para poder trabalhar? Como e com quem você consegue esta ajuda?
10. Qual a sua principal preocupação relacionada à carreira e à maternidade?